
A Dimensão Educativa da Festa do Jacaré da Aldeia Assurini do Trocará em Tucuruí-Pará

The Educational Dimension of the Alligator Party at Aldeia Assurini do Trocará in Tucuruí-Pará

Igor Silva de Barros
Sonia Maria da Silva Araujo
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Belém-Pará-Brasil
Carmem Véra Nunes Spotti
Universidade Estadual de Roraima (UERR)
Caracará-Roraima-Brasil

Resumo

Este artigo aborda a dimensão educativa da Festa do Jacaré produzida pelos indígenas da Aldeia Assurini do Trocará. A Festa do Jacaré é espaço de práticas culturais que se entrecruzam e orquestram-se pela memória e ancestralidade desse povo. Nesse sentido, o artigo tem o propósito de abordar a dimensão educativa das questões ligadas à história, cultura e identidade da Festa. Objetiva, ainda, compreendê-la como um espaço educativo, com destaque para as práticas corporais e os saberes produzidos por ela. O estudo está embasado na pesquisa de abordagem qualitativa, por meio da metodologia da história oral. O estudo apontou a Festa do Jacaré como um espaço de construção de lutas e resistências que, ao longo do tempo, (re)construiu as identidades dos Assurini, ajudando a compreender, respeitar e valorizar as diferenças culturais e a importância que tem para eles e para os estudos sobre a questão indígena brasileira.

Palavras-chave: Festa do Jacaré; Identidade; Ancestralidade.

Abstract

Lorem ipsum dolor sit amet. Sit omnis quia sit minus nihil est quibusdam exercitationem ut iste magni vel aliquid rerum qui modi odit. Et optio aliquam et tempore culpa qui quod itaque nam dolor eveniet qui expedita natus et ullam omnis eum molestiae debitis. Ut omnis quia est veniam dignissimos ex soluta amet id dolores aperiam et dolores reiciendis non nisi internos. Ea ipsam ullam ex reiciendis commodi et aliquam quam et autem reiciendis eum sint consequatur est voluptas animi. Est galisum sequi At enim animi sed magnam exercitationem ut soluta nulla eos galisum mollitia aut nemo maxime aut repellendus molestias. Sit eius assumenda eum voluptatem sint vel voluptatibus animi sed eaque cumque non sequi tenetur hic quaerat explicabo 33 vero quibusdam. Et possimus placeat non internos dicta ut labore aperiam eos nisi quaerat At voluptas odio.

Keywords: Alligator Party; Identity; ancestry.

Introdução

O presente trabalho apresenta a Festa do Jacaré como um evento multicultural, realizado na Aldeia Assurini do Trocará, município de Tucuruí, estado do Pará, que reúne diversas práticas e constitui-se como um espaço de produção de saberes. Nesse sentido, as práticas corporais indígenas, conforme Barros (2020), são reveladas no cotidiano e na arte indígena, como a música, a dança, o artesanato, a espiritualidade, as técnicas de manuseio dos materiais de caça, o preparo da comida, a língua materna, os ritos, os jogos, as brincadeiras, o grafismo corporal, entre outras.

Em vista disso, realizamos o estudo com base na pesquisa de abordagem qualitativa, por meio da metodologia da história oral, e buscamos apoio teórico nas obras de autores como: Barros (2020), Varela (2021) e Procópio (2015), entre outros, cujo cerne é a Festa do Jacaré, compreendida como um espaço educativo atravessado por uma rede de saberes que circulam, entrecruzam-se e são carregados de sentidos e significados para o povo Assurini.

Para tanto, foram efetuadas entrevistas com indígenas da Aldeia Trocará, com o auxílio de um celular para gravar as falas, devidamente transcritas na íntegra e analisadas com auxílio do referencial teórico-metodológico, assim como se registraram as imagens feitas no transcorrer das atividades de pesquisa. Os entrevistados falaram livremente a respeito do tema em estudo, respondendo às questões levantadas pelos pesquisadores, propiciando, além das fontes orais, documentos escritos e imagéticos.

De modo a alicerçar a pesquisa, levantamos as seguintes questões: quais práticas corporais estão presentes no ritual da Festa do Jacaré? Quais saberes são produzidos? Como se constroem tais aprendizagens? Esses saberes e práticas garantem a manutenção de suas identidades? A partir das problemáticas apresentadas, a pesquisa objetivou compreender a Festa do Jacaré como um espaço educativo, desvelando as práticas corporais envolvidas e os saberes produzidos por ela na Aldeia Trocará.

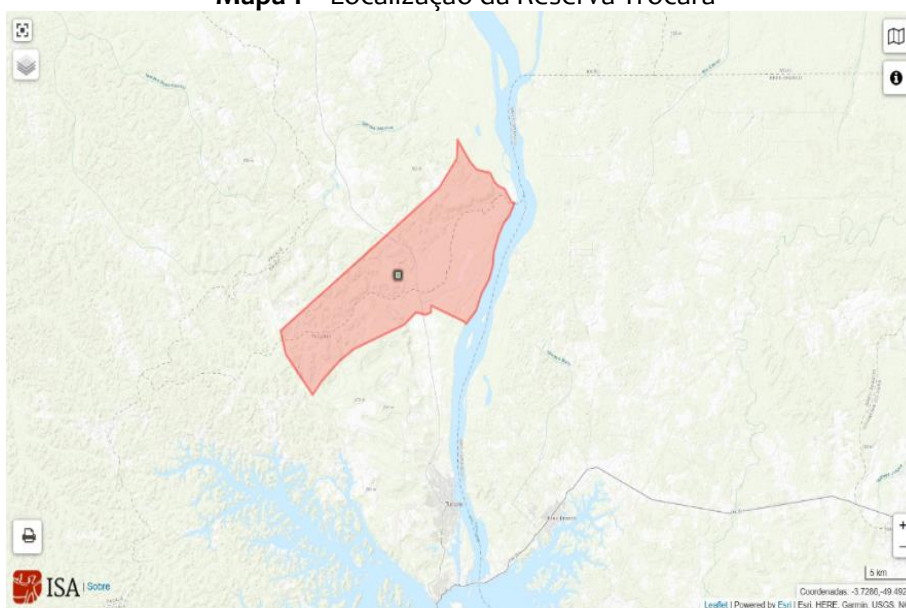
O artigo está composto por três partes. Na primeira, apresentamos uma descrição geográfica, cultural e linguística do povo Assurini do Trocará. Na segunda, descrevemos a Festa do Jacaré e as práticas corporais indígenas produzidas nela. No que concerne à terceira parte, analisamos o evento como uma pedagogia educativa e social, carregada de uma memória ancestral, marcada pela identidade do povo indígena Assurini. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

Os Assurini do Trocará

Os Asuriní afirmam que houve uma primeira criação do universo e depois um dilúvio, quando a terra acabou, “ficou mole”. Deste infortúnio, só sobreviveu um homem, abrigado no alto de uma árvore de bacabeira. Foi, então, que Mahira chamou a anta para que o animal endurecesse a superfície da terra. Mahira também tirou sua própria costela, transformando-a em uma mulher, o que permitiu que a população humana aumentasse (ISA, 1999).

A etnia Assurini soma uma população de aproximadamente 700 indígenas organizados em quatro aldeias, sendo: Trocará, a aldeia principal; Ororitawa; Oimotawara e Pikiá. Todas encontram-se localizadas na Reserva Indígena Trocará, situada a 25 km da cidade de Tucuruí, entre os limites de Tucuruí e Baião na BR-422, mais conhecida por Transcarnetá-Tucuruí, próxima ao Igarapé Trocará, à margem esquerda do rio Tocantins no Pará, conforme Mapa 1:

Mapa 1 – Localização da Reserva Trocará



Fonte: Site Terras Indígenas no Brasil, 2023.

Palco da segunda maior Usina Hidrelétrica do Pará, que, conforme dados do ISA (1999), está localizada a 30Km rio acima da TI Trocará. A construção dela foi, seguramente, um marco histórico e político para o município, provocando seu crescimento e desenvolvimento econômico. Construída entre 1974 e 1985, durante a ditadura militar, período em que não existiam preocupações com os direitos civis, tampouco com a preservação do meio ambiente, trouxe impactos ambientais irreparáveis para a região, como

perda de terras, de animais, da floresta e de identidades de indígenas e ribeirinhos que tiveram suas vidas “inundadas” pela Usina.

O povo Assurini do Trocará, também conhecido como Assurini do Tocantins ou Akuáwa-Assuriní, é originário do Rio Xingu, segundo relatos dos mais velhos da aldeia. De acordo com o Instituto Socioambiental (ISA):

O termo Asuriní [...], desde o século passado, vem sendo utilizado para designar diferentes grupos Tupi da região entre os rios Xingu e Tocantins. Este termo começou a ser empregado para denominar este povo em particular na década de 50, pelos funcionários do SPI durante os trabalhos de pacificação (ISA, 1999).

Para o ISA (1990), “esta última denominação foi empregada pelo etnólogo Roque Laraia na década de 60 em razão deste pesquisador considerar o termo Akuáwa como autodenominação do grupo”. Em conformidade com o Instituto, os Assurini pertencem à família linguística Tupi-Guarani.

Eles viviam com os Parakanã, no Pará, sendo, no passado, um único povo. Depois algum tempo, motivados por uma série de conflitos com outros povos indígenas, eles deixaram a região do Xingu com destino à cidade paraense de Pacajá (ANDRADE, 1999). Os estudos sobre a formação desse povo registram, em primeiro momento, uma história marcada por intensos conflitos entre povos. Nesse sentido, consoante com Ribeiro (2017), eles tiveram de se afastar das terras que dividiam com os Parakanã, na região do Pacajá, e deslocaram-se para as terras próximas ao rio Tocantins após os conflitos entre essas duas etnias.

Conforme Andrade (1992), o primeiro contato com a população local, entre eles, fazendeiros, camponeses e moradores da zona urbana, provocou perdas significativas na sua população, fazendo com que os números de indígenas reduzissem consideravelmente, sobretudo, por conta da epidemia de diarreia e gripe.

Outro fato considerável para o deslocamento dos Assurini dentro da Reserva refere-se à vazão e ao enchimento do rio Tocantins, uma vez que provocou uma alteração na sua organização de produção de alimentos. Em razão disso, ficaram mais próximos da estrada da Transcarnetá (BR-422), o que os deixou mais vulneráveis a problemáticas ambientais, como queimadas, desmatamento e invasão de território por caçadores.

Ainda assim os Assurini se desenvolveram, tanto que, com o crescimento da aldeia, somam, atualmente, uma população de aproximadamente 710 indígenas, distribuídos em

quatro aldeias: Trocará (aldeia principal), Ororitawa, Oimotawara e a Maravitawa. A criação dessas aldeias, em pontos estratégicos da Reserva, deu-se pelas ameaças constantes de invasão por caçadores, madeireiros e fazendeiros.

Ainda assim, é válido ressaltar que outro problema enfrentado pelas populações indígenas diz respeito à questão da língua materna, que vem sendo negada entre os próprios indígenas. Marin (2009) confirma a importância da língua na construção das identidades ao explicar que elas organizam os conhecimentos gerados nas sociedades.

Como afirma Procópio (2015), os Assurini pertencem à família Tupi-Guarani, uma vez que:

A língua Assurini faz parte do tronco linguístico Tupi-Guarani. E, nesse processo de ensino e aprendizagem da língua Assurini, participam tanto os índios quanto os brancos que nesse momento são convidados para a aula que constantemente é organizada depois que o professor consulta os índios mais velhos da aldeia sobre o que posteriormente ele vai ensinar aos demais, sempre na presença do olhar atento do índio mais velho, o qual permanece no local da aula durante todo o período, para que, em caso de dúvidas sobre alguma palavra na língua, ele possa ser consultado (PROCÓPIO, 2015, p. 48).

Corroborando com essa perspectiva, Barros (2020) assevera que, com a imersão da tecnologia na aldeia, muitos jovens tiveram acesso à cultura do branco. O contato com os não indígenas e a falta de prática da língua materna entre eles têm sido motivo de grande preocupação para os indígenas mais velhos, isso porque a língua vem desaparecendo a medida que os jovens, influenciados pela tecnologia, passam a aderir os novos costumes de fora.

Ferreira (2015) salienta que os avanços tecnológicos, advindos da globalização, afetaram a sociedade atual, influenciando, também, as comunidades tradicionais. Os indígenas, mesmos os isolados, sofreram, e ainda sofrem, a influência dessa nova era. Hall (2006) corrobora com Ferreira (2015) ao afirmar que a tecnologia possibilitou aos indígenas o contato com a cultura dos brancos por meio de aparelhos de TV e rádios.

Ainda assim, a língua materna é considerada a primeira língua dos indígenas, legitimada como patrimônio linguístico brasileiro e que precisa cada vez mais estar no dia a dia deles. O processo de luta e resistência, não só dos indígenas da aldeia Assurini do Trocará como de todos os povos indígenas, constatar, na língua, uma continuidade de sua história, dado que, uma vez esquecida, parte dessa história é apagada. A língua materna é um exemplo

de resistência, que sobrevive por insistência dos mais velhos e pelos professores indígenas Assurini que, diariamente, potencializam-na entre os indígenas.

No que tange à economia Assurini, por muito tempo, ela foi marcada pela produção de mandioca, sendo a farinha resultado desse trabalho, passando a ser bastante comercializada na região. Atualmente, sua produção limita-se à subsistência das famílias da aldeia, posto que existem outras atividades que foram desenvolvidas entre os indígenas como a venda de frutos, de castanha-do-Pará e de artesanato. Com a comercialização destes, os indígenas garantiram o suprimento de suas necessidades básicas.

Com o passar dos anos, práticas como a de caçar e pescar deram espaço às idas frequentes à cidade de Tucuruí, desencadeando intensas mudanças na alimentação. Procópio (2015) elucida que, devido ao constante deslocamento e ao contato contínuo com os não indígenas, os Assurini passaram a consumir, frango, salsicha, mortadela, sardinha em conserva, entre outros produtos processados pela indústria alimentícia.

Embora ainda se pesque na aldeia, as atividades de pescaria são mais praticadas pelos adultos, porém as crianças também aprendem desde cedo e ajudam a colocar o alimento à mesa. Válido ressaltar que a pescaria é uma atividade que está presente no dia a dia das crianças, não sendo, portanto, vista como trabalho ou obrigação, mas, sim, como uma brincadeira, visto que é realizada de forma lúdica, unindo prazer e diversão. Nunes (2017) relembra que as crianças crescem aprendendo a caçar, a pescar, a pintar e a confeccionar brincos, cocares, colares, além de muitos outros saberes da cultura ancestral transmitida pela oralidade.

É no interior da floresta, às margens do rio Trocará (Figura 1) que as crianças aprendem e brincam. Um cenário marcado pela exuberância da natureza e que garante o sustento das famílias pela prática da pesca, além de servir de local para atividades de lazer nos finais de semana.

Figura 1 – Rio Trocará



Fonte: Imagem do acervo de Pesquisa (BARROS, 2022).

Ao tratar do Rio Trocará, o Professor Waremoa Assurini, mais conhecido por Peppe, em entrevista destaca:

[...] é muito importante para nós, porque é daí que nós tiramos o nosso sustento, e, principalmente, o jacaré, que também é realizado o ritual sagrado na aldeia e por isso que a gente tem essa visão de tá protegendo o rio, né? Esse rio que também para nós é uma fonte de sobrevivência, porque é daqui que tiramos o nosso sustento. Não é só o jacaré que a gente pega para fazer festa, tem o peixe também que eles tiram o sustento daqui para tá cuidando da vida do povo Assurini. Tem muito peixe, peixe mesmo; tem jacaré também suficiente para toda vez [assim] que a gente for fazer ritual sagrado do jacaré, a gente vai no Rio Trocará. É uma fonte de sobrevivência nossa (WAREMOA ASSURINI).

O Rio Trocará, como expressa o professor, é um lugar sagrado, próspero de peixes e é desse local que se capturam os jacarés para a festa. Na fala dele, notamos a importância e a necessidade de se proteger o Rio Trocará, visto que é fonte de sustento e é dele que as famílias garantem o alimento necessário à subsistência. Além disso, em sua fala, demonstra a estreita relação do homem com a natureza, de tal modo que um depende do outro para sobreviver.

A Festa do Jacaré

A cultura Assurini é carregada de sentidos e emerge da memória ancestral que permeia as práticas dos indígenas. Essa memória reforça a identidade étnica e cultural desse povo. Segundo Procópio (2015), existem, no universo cultural dos Assurini, práticas culturais específicas de seu povo, como os cultos, os cantos, as danças, os rituais e as festas.

A Dimensão Educativa da Festa do Jacaré da Aldeia Assurini do Trocará em Tucuruí-Pará

Para o autor, as festas eram um elemento que relacionava utopia e ação transformadora. Isso dado que, com a presença da cultura negra no período da colonização e a necessidade de a metrópole manter o domínio sobre os indígenas, os colonizadores portugueses passaram a explorar suas festas religiosas como forma de cooptação da população indígena e, por extensão, domínio sobre ela. Dessa maneira, as festas funcionavam como elo entre indígenas, populações miscigenadas e colonos, ao mesmo tempo em que faziam prevalecer uma cultura em formação, progressivamente controlada pelo Estado e pela Igreja, que detinham o poder e a ordem naquele período.

Procópio (2015) elucida que, nesse contexto, as festas, assim como os rituais religiosos dos colonos, promoveram a anulação das características individuais dos indígenas, alterando a cultura no coletivo. Fato que ocasionou o enfraquecimento da consciência coletiva indígena e ativação de novos laços sociais provocados tanto pelas cerimônias festivas quanto pelos rituais religiosos, que problematizam os conflitos e as imposições de uma vida controlada pela própria natureza humana.

Ambiente em que as festas e o seu sentido religioso, como fortificador do espírito cansado do homem em contraposição à rotina exaustiva de trabalho e aos problemas do dia a dia, provocam uma ruptura nesse mundo conturbado para dar vez a momentos mais felizes e livres, mesmo que, no outro dia, tudo retorne.

Com relação à aldeia Trocará, existe uma diversidade de rituais e cerimônias festivas, como a Festa do Tabaco, o Ritual do Mingau de Inajá, a dança das Tabocas, a Festa do Peixe e a Festa do Jacaré. Elas carregam marcas de ancestralidade e representam as identidades Assurini. A Festa do Jacaré, por exemplo, é um evento multicultural em que são expressas diversas manifestações culturais, como a dança, o canto, as pinturas corporais, a língua materna, os ritos, além de outras práticas indígenas, como o ato de caçar e pescar.

Desenvolvida entre os Assurini, a Festa do Jacaré é uma prática histórica, simbólica e religiosa, que se configura na Aldeia como um momento em que se reúnem para festejar e garantir que os elementos da cultura originária permaneçam vivos entre eles. Trata-se de um movimento de resistência contra a negação de sua identidade, conforme enfatiza o indígena Torroy Assurini em entrevista realizada em 29 de junho de 2022:

A Festa do Jacaré é desde muito tempo [então ela é] muito importante para a gente nunca perder, [e que deve ficar] para essas crianças que são da nova geração, que ainda não [a] conhecem. Tem muita criança que ainda não conhece, então, é muito importante para comunidade toda (TORROY ASSURINI).

Em sua fala, Torroy Assurini defende a relevância da Festa do Jacaré para a população indígena Assurini, demonstrando seu sentimento de pertencimento à cultura indígena. De tal modo que esse ritual não se perca ou desapareça na história, reforçando que a Festa precisa ser inserida no dia a dia das crianças.

Imperioso ressaltar que esses rituais sobreviveram e ainda resistem por gerações, sendo reproduzidos a partir da memória dos mais velhos, que revisitam as lembranças do passado e ressignificam, no presente, suas histórias e tradições. Nesse aspecto, a partir das experiências e memórias, Domingues (2017) reconhece a festa como uma prática cultural basilar para a comunidade e região. Para isso, a autora destaca a importância de se discutir o processo de ressignificação cultural da festa, atentando-se, fielmente, ao reconhecimento e à valorização dos sentidos e significados do ritual para os participantes, assim como à (re)construção das identidades socioculturais dos Assurini.

Ecoando tal perspectiva, Procópio (2015) afirma que, na Festa do Jacaré da aldeia Assurini, os indígenas reúnem meios que incentivem a transmissão de sua tradição entre os mais jovens para que esses saberes sejam compartilhados pelas próximas gerações. Por essa razão, as dinâmicas realizadas na Aldeia necessitam de incentivo para que sejam constantes e trabalhem a construção e a manutenção das suas identidades.

Essa tradição é reforçada na entrevista do Cacique adjunto Pirá Assurini, quando explica que:

A mulher não pode comer a carne do jacaré, só os homens, aí, se o marido dela quiser dar para ela, ele pega um pedaço de cipó, um fio e amarra e separa um pedaço para ela. Ele tem direito de levar e entregar para ela, né, o pedaço do jacaré; aí ela pode comer. Enquanto isso, nem a criança [não] pode tá lá no meio também, só pessoa adulto; a mulher também não participa, só os homens que participam da festa do jacaré. Aí, quando a pessoa come, ele junta o osso dele todinho. Não pode jogar nenhum osso no cão. Aí, acabou de almoçar, ele [aí] vai, junta os ossos dele tudinho só num local. Aí, depois, vai enterrar ele; não pode jogar. Esse é um dos segredos que a gente tem da nossa festa (PIRÁ ASSURINI).

O excerto acima demonstra que os participantes do ritual devem obedecer, rigorosamente, aos sentidos das práticas. Além de não poderem participar da festa, as mulheres não podem comer a carne do jacaré, embora o motivo dessa proibição não seja explicitado pelo entrevistado. Caso decida, o esposo tem permissão para oferecer a carne à mulher, no entanto, isso poderá acontecer tão somente após todos os homens terem se alimentado do jacaré. Depois do ritual, os indígenas devem juntar os ossos e enterrar em um

buraco longe das casas, dado que eles carregam energias negativas que podem ser prejudiciais à vida dos indígenas.

Tal prática revela que cada passo desse ritual tem uma significação e que deve ser seguida rigorosamente, ainda que nem sempre seja expressa para um não indígena. Em vista disso, Procópio (2015) constata que:

[...] no processo de ritualização da Festa do Jacaré, a desobediência a suas regras pode ser algo fatal na vida dos índios Assurini, em virtude de que esse é um ritual muito minucioso, por lidar com os espíritos que somente o seu líder espiritual, que nesse caso é o pajé, tem o poder de afastar (PROCÓPIO, 2015, p. 84).

Assim, consideramos que a Festa do Jacaré tem uma simbologia cultural, despertando nos Assurini o sentimento coletivo de pertencimento a uma cultura, além de ser considerada religiosa, por apresentar uma íntima ligação com o sagrado, que é sustentada pela magia e fé nos seres divinos. Como ressalva Procópio (2015, p. 82):

Compreendemos que a Festa do Jacaré é uma das cerimônias que preparam simbolicamente esses indígenas para manter contato com os seres sobrenaturais, os quais eles acreditam que estão presentes nesse ritual, no momento que estabelecem um forte diálogo com esses seres, de modo que essa festa só é realizada quando os Assurini precisam descobrir algo de errado que esteja acontecendo em suas aldeias, como, por exemplo, um namoro às escondidas, um desvio de verba e outros fatos que nesse caso possam estar ocorrendo e que poderá ser revelado por meio das letras das músicas próprias desse ritual. No decorrer de sua prática, gradativamente vão surgindo algumas das características das pessoas que cometeram um ato dessa natureza.

É notável, portanto, a relação das práticas culturais com questões da ordem do sobrenatural, no caso, os espíritos presentes na festa. Em virtude disso, a presença de mulheres e de crianças são proibidas, não sendo permitido brincar perto do lugar em que os rituais são realizados para que não sejam atingidas pelo feitiço, chamado pelos Assurini de Wareria, considerado extremamente perigoso e fatal.

Para Procópio (2015), há muito tempo a Festa do Jacaré não é realizada, em decorrência de alguns fatores, cujo principal seria o falecimento do pajé Nakawaé, visto que houve um enfraquecimento de alguns rituais que eram efetuados por essa liderança tão importante da Aldeia.

Perspectiva constatada, também, por meio dos relatos dos Assurini entrevistados, além do risco de esses conhecimentos tradicionais se perderem não só em razão da morte do pajé, mas também pela morte de outros líderes indígenas, vítimas da Covid-19. Os Assurini garantem que a retomada desse ritual contribuirá para o processo de valorização de sua

cultura tradicional, além de despertar, nos jovens, o desejo de aprender os conhecimentos advindos dos pajés, responsáveis, dentre outras tarefas, por proteger a comunidade dos diversos males que adoecem os Assurini.

Dentro da Aldeia Assurini, há uma casa, a Tekatáwa, em que são praticados reuniões, cerimônias e rituais. Na visão de Procópio (2015, p. 97), a Tekatáwa funciona “[...] como uma das maiores representações simbólicas da pessoa do pajé na sua aldeia [...]”, sendo um espaço preparado para receber os espíritos. O Cacique Adjunto Pirá Assurini, ao explicar sobre este local de reuniões, afirma que:

O branco, eles têm um local que eles fazem a gravação, né? É tipo um estúdio. O Tekatáwa, ele é sagrado para gente, porque lá reúne todo mundo, né? Lá o pessoal fica sentado e um começa a cantar e outro lembra doutra música e vai cantando, e vai. Ali que é um ponto de todo mundo, é ter aquele encontro. É para isso que serve aquela casa. Lá começa a sair a festa, começa a cantar. A gente tem a noite todinha para cantar, aí dá um intervalo, aí os idosos vão contando a história como é, assim, assim. E foi através disso aí que eu aprendi também (PIRÁ ASSURINI).

Para os Assurini, a Tekátawa é, portanto, um espaço sagrado, em que preparam reuniões, cerimônias e rituais. Pirá Assurini explica se tratar do lugar no qual se inicia a Festa, visto que todos começam a cantar e dançar, enquanto os mais velhos da aldeia passam a contar, na própria língua indígena, histórias do passado. Isso confirma a relevância de se preservar as práticas culturais na memória coletiva do grupo, de modo que se garanta a conservação dos saberes tradicionais.

Aos mais velhos da aldeia Assurini do Trocará, é atribuído muito respeito, pois são vistos como sábios, que detêm muitos conhecimentos, saberes e memórias das histórias e lutas do povo Assurini. São, dessa forma, os responsáveis pela transmissão de seus saberes tradicionais, costumes, significados e realização das práticas culturais. Nesse sentido, as suas memórias garantem a transmissão de valores culturais e sagrados.

De maneira que, segundo Le Goff (1924), a memória possibilita que as informações do passado não sejam totalmente esquecidas e, por extensão, que a história seja contada e recontada nas sociedades, mais precisamente nas mentes e práticas humanas. E é no interior da Tekátawa que são realizados e rememorados os rituais da Festa do Jacaré.

Figura 2 – Tekatáwa, casa de ritual Assurini



Fonte: Imagem do acervo de Pesquisa (BARROS, 2022).

A Tekátawa é um local de encontro do presente com o passado, e onde a cultura é revitalizada, em que, conforme Procópio (2015, p. 86):

O ritual da Festa do Jacaré inicia com a escolha do local onde será construída a Tekatáwa, que é uma casa de ritual coberta com palha e estrutura de madeira. O trabalho de preparação desse espaço dura aproximadamente uma semana, pois necessitam buscar a palha e a madeira no mato. A Tekatáwa é construída em um ponto estratégico da aldeia, para facilitar o contato com o sobrenatural, sendo que esse processo de construção ocorre em três etapas: 1) definição do local; 2) busca de material no mato; e 3) a sua construção da Tekatáwa.

Assim, para a realização da Festa do Jacaré, inicialmente, o passo a passo é tão importante quanto os rituais que ocorrem na casa sagrada, Tekatáwa, porque o local é destinado a receber os espíritos. Então, após a definição do local, grupos são divididos para adentrar as matas em busca de palha e madeira, etapa que poderá durar mais de uma semana. A etapa final desse processo, envolvendo a Tekatáwa, dá-se com a sua construção, que, preparada, estará pronta para receber a Festa.

Para elucidar essa constituição da casa, o Cacique Adjunto Pirá Assurini oferece mais informações sobre a Festa do Jacaré, pontuando que:

A Festa do Jacaré para nós é muito importante, né? A gente não pode falar muitas coisas da Festa do Jacaré, né? A gente começa a fazer no Tekatáwa. Começa a cantar, conversar, contando história, para depois a gente fazer a Festa do Jacaré. Aí tem a festa do mingau, aí que vem o pessoal [que] se organiza para ir pro mato, para caçar o jacaré, né? Aí a gente [é] pega o jacaré, traz ele vivo e a maioria das pessoas ficam lá no Tekatáwa. E os caçadores que vem trazendo o jacaré vivo, pega o jacaré, coloca uma vara na boca dele e amarra a boca dele; ele vem vivo. Aí, quando chega no Tekatáwa, lá o pessoal tão esperando a gente e começam a dançar, cantar. Aí, quando dá meio-dia, o pessoal mata ele (PIRÁ ASSURINI).

O excerto acima detalha e enfatiza a importância da Festa do Jacaré para o fortalecimento do movimento e da cultura do seu povo, sobretudo, quanto aos detalhes no que concerne aos saberes e práticas que se entrecruzam no momento em que se inicia a festa. Carregada de sentidos, a fala de Pirá Assurini evidencia que os indígenas possuem uma forma de organização própria, em que os valores, a união do grupo, o respeito e a solidariedade de dividir o que eles têm são princípios básicos de convivência. De tal modo que cada ação do processo demonstra os passos do ritual que devem ser cumpridos para que o sagrado se realize.

Assim, após a construção da Tekatáwa, é preciso que o grupo de homens responsáveis pela caçada volte à mata e ao rio Trocará para a captura do jacaré vivo. Na sequência, eles retornam com o jacaré capturado para que o caminho até a Tekatáwa possa estar livre, como detalha o Cacique Adjunto Pirá Assurini:

A dança dele, a música dele é o dia e a noite, a pessoa canta e dança, aí ele se enfeita de palha, porque é uma festa [para nós ela é] muito importante. É uma festa sagrada, então a pessoa se enfeita bastante, amarra palha na cabeça, no braço, na perna, em tudo. A gente se pinta para deixar bem bonito mesmo a festa dele, a gente canta, mas têm várias músicas dele que a gente não pode tá cantando, só pode cantar na hora que a gente faz a festa. A gente dança, os mais velhos contam histórias. E a criança não pode tá passando na frente dele, porque a criança pode ficar doente (PIRÁ ASSURINI).

Por se tratar de um momento destinado às experiências sagradas e profanas, a Festa do Jacaré envolve práticas de cantar e dançar que só podem ser realizadas no momento da festa, ou seja, há músicas, danças e pinturas específicas para esta ocasião. Evidenciando que cada ação antes, durante e após a festa está carregada de simbologia.

Posterior às diversas voltas pela Tekatáwa com os jacarés nas costas, o grupo escolhido se organiza para o preparo e cozimento dos animais. Embora o preparo do alimento seja uma atividade realizada pelas mulheres, nessa festa, elas ficam isentas de tal atividade, de modo que o serviço passa a ser realizado pelos homens. Esmiuçando a ritualística, Procópio (2015) explica que:

Depois de morto, o jacaré é preparado e colocado em uma panela com água e sal para cozinhar, enquanto outros indígenas continuam a dançar, parando somente quando a panela é retirada do fogo após o cozimento, acompanhado de uma música específica para esse momento, o que torna a Festa do Jacaré um ritual demorado (PROCÓPIO, 2015, p. 90).

Na sequência, o alimento é colocado em bacias, acompanhado de uma boa farinha de mandioca. Nesse momento, as danças e os cantos são interrompidos. Externos a esse acontecimento, mulheres, crianças e outros homens indígenas assistem, de longe, à cerimônia, sendo permitida também a observação dos não indígenas. Nesse ínterim, Procópio (2015) relembra que:

A partir desse momento, a Festa do Jacaré continua, enquanto outro grupo vai para a mata em busca de outras caças, como porcão, anta, jabuti, que servirão de alimento para os que não participam dos rituais da Festa do Jacaré, por não estarem preparados de acordo com as exigências do ritual. Ao retornarem, começam a dançar novamente, e, segundo os Assurini, é um mês direto de festa, porque sua duração também depende do tempo que eles levam para capturar o jacaré. O jacaré que é capturado vem dentro de uma espécie de cesto que os Assurini fabricam com palha do injazeiro [...] (PROCÓPIO, 2015, p. 90).

Notável evidenciar que a Festa do Jacaré não é encerrada depois de eles consumirem o alimento, visto que outro grupo se dirige até a floresta e rios para caçar outros animais, que são consumidos por aqueles que não atuam diretamente nas etapas do evento. Há, certamente, um cuidado com o coletivo, visto que mesmo os que não podem participar da festa não são esquecidos.

Práticas Corporais da Festa

Na perspectiva de Almeida e Suassuna (2010, p. 53; 55-56) as práticas corporais, ao serem apresentadas durante um determinado evento, “constituem um conjunto de manifestações da cultura corporal de movimento de cada etnia indígena, portanto, possuem sentidos e significados próprios dentro das diversas culturas indígenas”, de tal modo que, “por serem expressões ou derivações de valores coletivos, possuem uma lógica estrutural que orienta seu funcionamento produzindo comportamentos”.

Para os autores, “o ensino de determinadas técnicas corporais pode revelar o modo de vida de uma sociedade, visto que são suas tradições que condicionam as atitudes individuais” (ALMEIDA; SUASSUNA, 2010, p. 58). Em consonância com Grandó (2005), nas sociedades tradicionais, essas formas de transmissão das técnicas corporais acabam transformando o corpo biológico em social, de forma que a pessoa passe a se identificar em seu grupo e por ele seja identificado. Evidenciando, portanto, o sentimento de pertença a um grupo.

Nesse sentido, Almeida e Suassuna asseveram que (2010, p. 58) “as práticas corporais tradicionais como rituais ocorridos nas aldeias cumprem a função de ensino e aprendizado da

maneira de fazer, pensar e sentir que são específicas por sexo e idade em cada etnia”. Nesse sentido, “os jogos, as danças e as brincadeiras são formas lúdicas de apreensão da realidade que formam uma identidade fundamentada nos sentidos e significados específicos de cada cultura contribuindo para a constituição identitária da pessoa indígena” (ALMEIDA; SUASSUNA, 2010, p. 59).

Consideradas como manifestações culturais da tradição e ancestralidade indígena, as práticas corporais indígenas circularam por gerações e garantiram o compartilhamento dos saberes dos mais velhos para os mais novos na Aldeia Assurini do Trocará. Elas estão presentes nos modos e ritmos de vida cotidiana desse povo que, frequentemente, segundo professores da escola Wararaawa Assurini, não se reconhecem como tais mediante outras práticas corporais ocidentalizadas que a eles são apresentadas.

Em vista disso, Almeida e Suassuna (2010, p. 59-60) pontuam que “a construção identitária se dá por meio das práticas corporais, que são bens culturais de natureza imaterial e expressam valor de referência para cada povo”, por isso, “são constantemente recriadas pelo grupo, que lhes proporciona o sentido de continuidade, tendo como base suas tradições”. Tanto que, conforme Veloso (2004 *apud* ALMEIDA E SUASSUNA, 2010, p. 60), são consideradas patrimônio cultural imaterial e compreendidas como “repertório de expressões culturais de um grupo social . O enraizamento de determinados valores nas práticas sociais, portanto, definem sua identidade como povo.

O ritual da Festa do Jacaré nos permite compreender a complexidade que envolve a aprendizagem e os sentidos e significados que as práticas corporais indígenas representam para os Assurini. Nesse sentido, a festa também educa para manter a tradição viva, na medida em que se entrecruzam saberes e práticas que ampliam o conceito de aprendizagem, destacando múltiplos sentidos e novas formas de ser e aprender na terra Assurini.

Na abordagem fenomenológica de Merleau-Ponty, nota-se que o corpo é condição primeira do ser humano, dado que a percepção corporal de mundo centra o olhar para a totalidade do ser, enfatizando a imprescindibilidade do significado, das sensações e das experiências. O fazer, o sentir e o pensar se configuram como experiências vividas e apreendidas pelo corpo a partir da percepção corporal, portanto, o homem é dotado de subjetividade.

Vale salientar que essas práticas corporais agregam um número significativo de ações de negociação, de trocas e ressignificação de saberes, de atualizações e ampliação das redes sociais de seus participantes, objetivando a valorização e o fortalecimento de sua cultura por meios da interação de danças, cantos, pinturas corporais, da comida e da fabricação do espaço Tekatáwa. Há, decerto, um fortalecimento da identidade cultural e a celebração do espírito de confraternização entre seus pares.

Uma Pedagogia para a Festa do Jacaré

As manifestações sociais e culturais, a espiritualidade, as tradições, os costumes, a língua, as pinturas, as danças, os cantos, entre outros saberes e práticas, reforçam a Festa do Jacaré como um espaço de produção de cultura que foi se estabelecendo, ao longo da história, como simbologia pertencente ao universo cultural Assurini. Nesse sentido, Queirós (2021, p. 61) pontua que:

Os estudos da história, sociologia e antropologia mostram que as festas sempre foram e são manifestações sociais e culturais presentes na vida de povos de diferentes etnias e sociedades, embora vivenciadas de acordo com o seu universo material, espiritual ou simbólico específico.

Desta feita, os saberes produzidos pela Festa atuam na construção de suas identidades e na preservação das memórias dos mais velhos, criando mecanismos de resistências em favor de sua existência e/ou sobrevivência. O ritual da Festa do Jacaré promove o encontro de tradições, ritos e simbologias, assim como as suas formas de organização no aspecto social, político, cultural e interétnico.

Ao compartilhar suas discussões sobre o culto a São Benedito em Carapajó/Cametá (PA), denominada “Uma Festa de Pretos”, Varela *et al.* (2021) tensionam o que é construído e projetado a partir dos saberes envolvidos nesse evento, ou seja, a festa, torna-se um lugar de sociabilidade em que participam diversos segmentos sociais, criando um ambiente de ensino e aprendizagens.

A Festa do Jacaré apresenta, então, uma pedagogia festiva praticada pelos indígenas da Aldeia Trocará, marcada pela diversidade étnica e cultural. Nesse aspecto, Candau (2008) considera a escola um espaço de cruzamento de culturas, portanto, dinâmico, atravessado por constantes conflitos. Assim, podemos afirmar que a Festa do Jacaré é também um espaço em que cultura e práticas indígenas se entrecruzam, sendo, então, um terreno de produção e transmissão de saberes, manifestados pelas memórias e ancestralidade dos mais velhos da Aldeia Assurini do Trocará. Nesse sentido, reconhecemos a Festa do Jacaré como um espaço

de construção de lutas e resistências que, ao longo do tempo, (re)constrói a identidade desse povo.

A Festa do Jacaré, na Aldeia Assurini do Trocará, assume um papel importante diante do debate acerca da preservação da cultura e identidade indígena, posto que a Festa é um dos espaços sociais da aldeia, sendo este um espaço educativo.

Corroborando com tal premissa, Brandão (2007) afirma que aprendemos em todos os espaços sociais em que vivemos, porquanto a educação se dá de múltiplas formas, de modo que sua complexidade permite ultrapassar os limites dos muros da escola formal, não ficando apenas sob responsabilidade da escola essa tarefa. Portanto, o momento da Festa do Jacaré não representa somente um ato festivo de lazer e diversão para os indígenas da Aldeia Assurini do Trocará, mas também um ato pedagógico.

Há de se considerar que a educação se principia em casa, na comunidade e complementa-se na escola. Embora em perspectivas distintas, dado que a concepção de escola para os indígenas é diferente da dos não indígenas. Para o segundo grupo, o ensino escolar acontece em um prédio específico, denominado escola, ao passo que, para os indígenas, ela transcende as paredes físicas desse espaço.

Procópio (2015) concorda com Brandão (2007) ao afirmar que o processo educativo existe também fora do espaço escolar, bem como toda relação envolve uma situação de aprendizagem, gerando, assim, uma prática educativa. A autora relembra que há redes de saberes que circulam, os quais são repassados de uma geração para outra, como afirma Baniwa (2006), para quem:

A educação tradicional para os povos indígenas se define como um conjunto de processos envolvidos na socialização dos indivíduos, que corresponde a uma parte construtiva de qualquer sistema cultural de um povo, que engloba mecanismo que visam a sua reprodução, perpetuação ou mudança (BANIWA, 2006, p. 129).

No tocante à Festa do Jacaré, Varela *et al.* (2021) inserem-na na categoria “pedagogia da festa”, uma vez que esta pode ser considerada um espaço atravessado por diversos saberes que são compartilhados pela memória. A partir da memória, os saberes tradicionais são preservados e garantem que seus valores identitários e culturais permaneçam vivos. Na Festa, há saberes postos em circulação, que se movimentam e garantem o valioso caráter educativo e identitário daquilo que pode ser apreendido e repassado para as futuras gerações.

Fato que ocorre de modo semelhante na Escola Wararaawa Assurini, na Aldeia Trocará, visto que professores indígenas, equipe escolar da Secretaria de Educação e comunidade têm iniciado as primeiras discussões a respeito da implantação do currículo intercultural e diferenciado da escola. Ainda assim, não é factível dizer que tais discussões chegarão a um modelo pronto de currículo, na verdade, a intenção de aproximar-se com o ideal tem despertado um olhar diferenciado para as demandas indígenas em relação à escola. Viés que, de fato, os indígenas desejam propiciar, dado que a educação tem sido um mecanismo de aproximação entre jovens e crianças, estimulando a prática das atividades culturais de sua etnia.

Considerações Finais

Neste artigo, objetivamos evidenciar a Festa do Jacaré como um espaço educativo, desvelando as práticas corporais que estão envolvidas e os saberes produzidos no seu ritual. Para tanto, a pesquisa utilizou como campo de pesquisa a aldeia Assurini do Trocará, que nos deu acesso a um arcabouço teórico/prático capaz de compreender a festa como um conhecimento pedagógico, permeado pela memória e pela ancestralidade. Características evidenciadas por meio dos relatos de indígenas mais velhos, que têm a missão de garantir a continuação de sua cultura.

Esta pesquisa permitiu destacar a Festa do Jacaré como uma prática de resistência à língua materna, isso porque ela é a primeira língua que a criança tem contato. Sendo, portanto, importantíssima para a manutenção de sua identidade étnica. Por seu turno, os mais velhos a concebem como um desafio na aldeia, pois se sentem responsáveis por garantir a sua manutenção entre os jovens Assurini.

Uma vez esquecida a língua, outras particularidades também são perdidas, como a histórias, os saberes da tradição e a própria ancestralidade. Por isso, os mais velhos lutam pela preservação e valorização desse saber tradicional. Tal resistência protagonizada pelos indígenas é garantida pela lei, dando à língua materna um novo espaço no bojo da educação formal, posto que os indígenas a trabalham no currículo da escola e nos rituais, como a Festa do Jacaré.

A língua materna, que convive com a língua portuguesa, é utilizada de maneira não formal ao ser reproduzida no cotidiano, promovendo a prática do bilinguismo, o que torna a interculturalidade presente na educação dos indígenas, que mantêm viva a cultura do seu

povo, compartilhada entre gerações, nas ocasiões em que admite a convivência com a cultura não indígena que a escola proporciona.

Como elemento que reverbera a resistência, a Festa do Jacaré, uma festa tradicional da Aldeia Assurini do Trocará, reúne vários elementos culturais, como a música, a dança, a pintura corporal, o ritual para o preparo das comidas e bebidas e o culto ao sagrado. A realização da Festa potencializa, nesse aspecto, a interação entre todos na Aldeia, fundamentalmente a partir dos mais velhos, que se preocupam com o compartilhamento de seus conhecimentos visando à sua transmissão às futuras gerações.

Evidenciando, na construção da Festa do Jacaré, o entrelaçamento dos aspectos da vida cotidiana dos Assurini. Compreendidos aqui como as práticas corporais e os saberes que são gerados, a vivência desses aspectos é indispensável para entender a cultura daquele povo, isso porque a Festa do Jacaré tem um importante papel na educação e construção dos corpos dos Assurini do Trocará.

As nuances envolvidas em um evento, como a Festa do Jacaré, demonstram marcas de uma cultura que, se não registrada, pode se perder no tempo e junto com ela a marca identitária de um povo indígena. Válido ressaltar que a celebração da Festa resiste contra a consciência dominante do poder hegemônico, valorizando, reconhecendo e realçando as diferenças culturais.

Trata-se, portanto, de um evento multicultural, que se apresenta como uma pedagogia festiva própria dos Assurini. Sendo também um espaço, em que as culturas e as práticas indígenas se entrecruzam, e um terreno de produção e transmissão de saberes, manifestados pelas memórias e ancestralidade dos mais velhos da Aldeia Assurini do Trocará. Reconhecemos a Festa do Jacaré como um espaço de construção de lutas e resistências que, ao longo do tempo, (re)construiu as identidades dos Assurini. Ademais, a festa torna-se um lugar de sociabilidade em que participam diversos segmentos sociais, de modo a criar um ambiente de ensino e aprendizagens.

Referências

ALMEIDA, Arthur José Medeiros de; SUASSUNA, Dulce Maria Filgueira de Almeida. Práticas corporais, sentidos e significado: uma análise dos jogos dos povos indígenas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, out./dez. 2010. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.12829>

ANDRADE, Lucia. M. M. **O Corpo e o Cosmos**: relações de gênero e o sobrenatural entre os Asuriní do Tocantins. 1992. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

ANDRADE, Lúcia. Instituto Socioambiental. **Povos Indígenas no Brasil**, 1999. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Asurini_do_Tocantins. Acesso em: 11 jul. 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos; 20).

DOMINGUES, Andrea Silva. **Cultura e Memória**: a Festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvanópolis – MG. Pouso Alegre: Editora da Universidade do Vale do Sapucaí, 2017. 175 p.

FERREIRA, Ana Paula M. **A manutenção da identidade cultural do indígena brasileiro em face da globalização**. Juiz de Fora: UFJF, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. – 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Asurini do Tocantins**. Povos Indígenas do Brasil, fev. 1999. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Asurini_do_Tocantins. Acesso: 23/09/2022

JÚNIOR, Jaime Ribeiro Carvalho. A pesca entre os Asuriní do Trocará. In: CABRAL, Ana Suelly A. C. et al. **Contribuições para o inventário da Língua Asuriní do Tocantins**. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas/UnB, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 2.ed. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 1996.

LOUZADA, Aline Furtado et al. Educação Ambiental: um relato de experiência na comunidade indígena Assuriní, município de Tucuruí (PA). **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v.17, n. 1, p. 28-53, 2022. DOI: <https://doi.org/10.34024/revbea.2022.v17.12744>

MOTA NETO, João Colares da. **A educação no cotidiano do terreiro**: saberes e práticas culturais do Tambor de Mina na Amazônia. 2008. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2008.

NUNES. Maria de Fátima R. **Aprende brincando**: a criança atuando entre o povo assurini do trocará, município de Tucuruí-Pa. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura.) – Universidade Federal do Pará, Cametá, 2017.

QUEIRÓS, Ilse Lorena von Borstel G. Festa e dança: vivências lúdicas de lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 61-79, 2001.

RIBEIRO. Bárbara N. P. **Mahira e os saberes femininos**: gênero, educação e religiosidade na comunidade indígena assurini do trocará, município de Tucuruí/PA. 2017. 153f. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura.) – Universidade Federal do Pará, Cametá, 2017.

RICARDO, Carlos Alberto. **Povos Indígenas no Brasil**: sudeste do Pará (Tocantins). São Paulo: CEDI, 1985.

PROCÓPIO, Maria Gorete C. **A festa do jacaré na aldeia indígena Assurini Trocará: Espaço Educativo e de Manifestação de saberes.** 2015. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2015.

TERRAS indígenas do Brasil. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3882>. Acesso em 24 fev.2023.

VARELA, Fernanda Nílvea Pompeu; PINTO, Benedita Celeste de Moraes; BARROS, Flávio Bezerra. Quem festeja também educa: reflexões sobre uma pedagogia da festa. **Revista Cocar**, Belém, v.15, n. 32, p.1-19, 2021.

Sobre os autores

Igor Silva de Barros

Mestre em Educação e Cultura pela Universidade Federal do Pará, Especialista em Educação Física Escolar e Educação Física Adaptada, Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará e Educação Física pela Unopar e Professor da Prefeitura Municipal de Tucuruí (SENJE) e Faculdade Gamaliel. E-mail: igortucballet@hotmail.com . Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3278-5493> .

Sonia Maria da Silva Araujo

Docente titular pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Pós-doutora em Pós-colonialismo e cidadania global no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, Doutora em Educação, Cultura e Organização (USP). Mestra em Educação (USP), Especialista em Educação e Problemas Regionais (UFPA) e Graduada em Pedagogia (UFPA6). Orienta Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA (PPGED). Coordenadora do grupo de pesquisa “José Veríssimo e o Pensamento Educacional Latino-americano?”, Vice-líder do grupo “Constituição do Sujeito, Cultura e Educação” (ECOS). E-mail: ecosufpa@hotmail.com . Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8240-9704> .

Carmem Véra Nunes Spotti

Pós-Doutora e Doutora em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Mestre em Letras pela Universidade Federal de Roraima; Filóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Especialista em Comunicação, Expressão e Cultura e Graduada em Letras pela Universidade da Região da Campanha do Rio Grande do Sul; Professora da Rede de Ancoragem das Olimpíadas da Língua Portuguesa; Professora da rede estadual de Roraima e da Universidade Estadual de Roraima no Programa de Pós-Graduação em Educação: Mestrado Acadêmico em Educação e do Curso de Letras. E-mail: carmem.spotti@uerr.edu.br . Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4102-9726> .

Recebido em: 28/7/2023

Aceito para publicação em: 11/12/2028